

O uso da Arte na indústria cultural à luz de Adorno

ARTIGO

Diego de Oliveira da Cunhaⁱ

Universidade do Grande Rio – Unigranrio, Duque de Caxias, RJ, Brasil

Ely Severiano Júniorⁱⁱ

Universidade do Grande Rio – Unigranrio, Duque de Caxias, RJ, Brasil

Davi José de Souza da Silvaⁱⁱⁱ

Universidade do Grande Rio – Unigranrio, Duque de Caxias, RJ, Brasil

Resumo

O papel da arte na história da humanidade sempre foi proeminente e permanece assim até hoje. Theodor Adorno, da Escola de Frankfurt, cunhou o termo "indústria cultural" para criticar o uso da arte pelos economicamente dominantes. Este artigo analisa os princípios e mecanismos de massificação e alienação através do uso da arte pela indústria cultural. Adorno questiona a perda de subjetividade por meio do uso da tecnologia para controlar a população. O estudo revela o objetivo da indústria cultural de promover bens de consumo sob o sistema capitalista. Sugere-se que estudos futuros explorem a originalidade das massas e as comparem com os efeitos da indústria cultural, pois a massa é um fator importante na execução de seus mecanismos. A arte tem um impacto fascinante no ser humano, mas a indústria cultural a explora para servir a seus propósitos, levando à perda da autonomia humana e ao controle total da população.

Palavras-chave: Indústria Cultural. Alienação de Massa. Uso da Arte.

The Use of Art in the Cultural Industry in the Light of Adorno

Abstract

The role of art in human history has always been prominent and remains so today. Theodor Adorno of the Frankfurt School coined the term "culture industry" to criticize the use of art by the economically dominant. This article analyzes the principles and mechanisms of massification and alienation through the use of art by the cultural industry. Adorno questions the loss of subjectivity through the use of technology to control the population. The study reveals the objective of the cultural industry to promote consumer goods under the capitalist system. It is suggested that future studies explore the originality of the masses and compare them with the effects of the cultural industry, as the mass is an important factor in the execution of its mechanisms. Art has a fascinating impact on human beings, but the cultural industry exploits it to serve its purposes, leading to the loss of human autonomy and total control of the population.

Keywords: Cultural Industry. Mass Alienation. Use of Art.

1 Introdução

2

A objetificação da indústria cultural e sua ideologia não se concretizam sem uma fonte que alcance o ser humano por inteiro. É nessa perspectiva que, segundo Adorno, ela descobre o fascínio artístico no ser humano e, utilizando-se da arte, aliena as massas com suas teorias, fazendo com que essas se conformem com ideias que servem apenas para enriquecer os economicamente mais fortes. Assim, a arte, com seu poder sobre os homens, passa a ser usada na indústria cultural como anestésico que impede esses de perceber o que está sendo feito com eles (Santos, 2014).

O mundo moderno, marcado pela sociedade administrada, constrói um ambiente onde a cultura de massa é amplamente difundida, tendo como base os aspectos cognitivos e artísticos. Existe uma disseminação de consciência sublimada na morte dos caracteres criativos, gerando uma mentalidade na qual prevalece a falsa verdade da totalidade cultural (Brunelli *et al.*, 2019; Reche, 2021).

Reche (2021) afirma que o ápice do controle sistemático gerado pela indústria cultural cria uma ideia de necessidade consumista, levando o ser humano a uma submissão ao poder do capital, se firmando no fascínio artístico e se desenvolvendo com ele. O resultado desse processo é a passividade e a alienação proposta pela grande massa social diante do que lhes é oferecido, fato claro e inquestionável.

Estruturando seus planos nos mecanismos oferecidos pela arte, a indústria cultural adquire força suficiente para executar seu projeto na sociedade. Com a união das forças do fascínio artístico somadas ao poder absoluto do capital, vê-se como se torna fácil concretizar o projeto da indústria cultural. Um ambiente onde não existe espaço para a confecção de estruturas criativas individuais, o que, conseqüentemente, acaba engessando a liberdade criativa de cada indivíduo, uma vez que, gera um sistema social ditado pela referente indústria. Assim, nenhum outro pode existir, como também não pode haver oposição, pois, o que prevalece sobre tudo e todos é a hegemonia dos economicamente mais fortes. E, dessa forma, os ideais desse processo vão se desenvolvendo baseados nos ditames do poder da indústria cultural (Camargo, 2018).

A arte compõe a ação humana e, portanto, proporciona aos indivíduos a capacidade de evoluir e transferir a totalidade dos mecanismos impostos pela indústria cultural, de modo a tomar um novo rumo quanto a sua função no ser humano. Formulada para as massas, a indústria cultural vem com o cargo de aguçar o consumismo e organizar os seres de forma submissa. Nesse caso, toda objetivação desse projeto de controle deve ter a característica de entranhar na própria essência humana, deixando-a conectada apenas ao que é oferecido pelo sistema da indústria (Lima, 2019).

Aguiar (2018) afirma que a execução desse plano traz diversos benefícios aos que o executam, no entanto, a grande massa fica exposta ao poder concentrado nas mãos de poucos e, com isso, perde sua capacidade de transformação e autonomia. Uma problemática que causa perdas na constituição da essência humana, na construção artística e na manifestação tanto do indivíduo quanto da arte na sociedade.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo permitir uma compreensão detalhada sobre a indústria cultural, tendo em vista seus princípios e sua mecânica de massificação e alienação pela arte. Nesse contexto, este artigo pretende explicitar uma leitura crítica de como ocorre o processo dessa indústria, como as descobertas feitas pelos articuladores da arte influenciam nas ações humanas e como se desenvolve o processo da indústria cultural através do uso da arte.

2 Referencial teórico

2.1 A indústria cultural e seus objetivos

O processo sistemático da cultura na atualidade é marcado pelo regimento de um conjunto imposto pela indústria e sua técnica de mercado. A centralização do poder do capital nas mãos de poucos e o desenvolvimento global fazem a indústria gerar uma mecânica na qual o lucro se torna o objetivo. Assim, é criada uma cultura para as massas, onde a indústria domina o processo econômico e, por sua vez, os grupos populares.

A cultura, feita em série e industrialmente para o grande público, passa a ser vista não como instrumento de crítica e conhecimento, mas como um produto a ser trocado por

dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa. Seus produtos devem ser feitos segundo normas, ou seja, padronizados como uma espécie de *kit* para montar um tipo de pré-confecção, feito para atender as necessidades e os gostos de um público que não tem tempo para questionar o que consome. “Uma cultura perecível, como qualquer peça de vestuário, criada para ser usada como valor de troca” (Coelho, 1993, p. 11).

A esse processo, Adorno e Horkheimer dão o nome de indústria cultural, termo que marca os questionamentos adornianos e que, por sua vez, se destaca no que se refere ao uso das técnicas sociais manipuladoras. Portanto, a fim de compreender melhor as técnicas utilizadas e o porquê da necessidade de tal sistema, a nomenclatura merece um aprofundamento.

Para Adorno, “A indústria cultural é um círculo de manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa [...] É o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade” (Adorno, 1985, p. 114). Seus objetivos são alienantes. Uma maquinaria posta em funcionamento com fins exclusivamente destrutivos. Sua criação vem de encontro apenas aos interesses do consumismo impositivo, e as massas, por sua vez, não percebendo isso, aderem ao sistema, abandonando a total autonomia adquirida ao longo de sua história evolutiva.

Com isso, a indústria cultural se estabelece como aquela que tem como primeira meta passar a mensagem alienada de que o indivíduo necessita daquilo que a indústria produziu. Assim, segundo Adorno, “a produção cultural e intelectual passa a ser guiada pela possibilidade de consumo mercadológico” (Adorno, 1985, p.118). Tudo se torna mercadoria através da apropriação do objeto. Para o autor, “O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da Indústria Cultural” (Adorno, 1985, p.118), um processo que gera no ser humano a perda da autonomia e da identidade.

Se, atualmente, podemos afirmar que vivemos em uma época de esclarecimentos, isso tornou-se muito questionável em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planejado, pela indústria cultural ou, até mesmo, por toda a realidade interior (Adorno, 1995. p. 181).

Ludibriando toda espécie de força contrária a seus objetivos, a indústria cultural incute na mente humana “exortações a conformar-se naquilo do qual estão os interesses dos poderosos”, o que, para Adorno, “substitui a consciência do homem, alienando a mesma quanto ao real interesse de o fazer assim” (Adorno, 1975, p. 290).

Para tanto, a indústria cultural lança sobre os indivíduos, diariamente, milhares de mensagens para conquistá-los. Suas técnicas variam desde um simples “bom dia” até os mais complexos aparelhos tecnológicos criados para induzir ao consumismo e à alienação (Costa, 2013; Camargo, 2018).

Apoiando-se em mecanismos como a beleza das imagens, o som da música, a ação de um filme ou mesmo a comédia de uma peça teatral, a indústria cultural, para convencer as massas, se faz presente em qualquer ambiente em que ela possa incutir na mente humana o desejo de necessidade. É nisso que ela se sustenta e se faz poderosa.

Nesse contexto, a indústria cultural e sua mecânica passam a provocar no indivíduo um anestesiamento que o impede de perceber o que está sendo feito com ele. O controle sistemático gerado pela indústria cultural parte da ideia de que a necessidade consumista cria no ser humano uma submissão ao poder do capital. A intenção é fazer com que o indivíduo tire desse sistema uma ideia alienada de satisfação, criando a falsa sensação de independência. “Eu posso, eu sou”, ou seja, a ideia enganosa de uma geração do “goze sem entraves”, um verdadeiro *carpe diem*. Na objetivação da indústria cultural, a grande massa social torna-se passiva em meio ao que lhe é oferecido e dependente do que lhe é proposto.

Com seus produtos, a indústria cultural reforça as normas sociais, repetindo-as até a exaustão e sem discussão. Desse modo, há outra função: a promoção do continuísmo social. A esses aspectos centrais do funcionamento, somam-se outros, consequências ou subprodutos dos primeiros:

A fabricação de produtos cuja finalidade é a de serem trocados por moeda; a deturpação e a degradação do gosto popular; a simplificação máxima de seus produtos, de modo a obter uma atitude sempre passiva do consumidor; a incorporação de uma atitude paternalista, dirigindo o consumidor ao invés de colocar-se à sua disposição (Coelho, 1993, p. 26).

Sem limites em sua objetivação, a indústria cultural, em se tratando de cumprir essas metas de alienação humana, lança mão de variados princípios que a favoreça de alcançá-los. Ela regula relações, manipula o meio social determinando o consumo, e, principalmente, descarta o que não se encaixa em sua normalização. Adorno diz que, no processo realizado, a estratégia não deixa subterfúgios, “para todos alguma coisa é prevista, a fim de que nenhum possa escapar; à unidade sem preconceito da indústria cultural” (Adorno, 1985, p. 07). O único princípio que prevalece é que tudo e todos devem ser guiados pelos ditames da indústria cultural.

Ela vive, em certo sentido, como parasita sobre a técnica extra-artística da produção de bens materiais, sem se preocupar com a determinação que a objetividade dessas técnicas implica para a forma intra-artística, mas também sem respeitar a lei formal (Adorno, 1975, p. 290).

Para disseminar suas ideias, a indústria cultural fixa uma linguagem própria e, com isso, legitima sua produção. Nessa linguagem, “cada produto apresenta-se como individual, fortalecendo assim sua ideologia, despertando a ilusão de que o que é coisificado e mediatizado é um refúgio” (Adorno, 1975, p. 289).

O encanto, a coisa pronta, polida e acabada, que, conforme Adorno “não passa de mera ilusão”, não gera desconforto no indivíduo fascinado pelo que lhe é oferecido, pois contém em si “um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém” (Adorno, 1985, 119). Essa maquinaria industrial cultural passa a viver nos lares, no trabalho, nas ruas, em todos os ambientes, dizendo o que se deve ou não fazer.

Nessa automatização indutiva do consumismo, sua função, segundo Adorno, se concretiza em “determinar que tudo o que se produza corresponda a suas tabelas e ideias”. Nesse caso, para que a ação produzida pela indústria cultural tenha êxito, é preciso gerar um esquema em que a padronização e as satisfações se deem de forma igual em todos os indivíduos, a fim de que obtenham sucesso em seu esquema. Essa é mais uma ideia enganosa do processo. Ao se referir a esse momento, Adorno diz que “A cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança”, destinando a “perpetuar o

indivíduo como se ele fosse independente, submetendo-o ao poder absoluto do capital” (Adorno, 1985, p. 113).

Com o ápice da atitude compulsiva consumista, a indústria cultural atinge o cume da objetivação de seus ideais no indivíduo. O homem passa a ter em mente que o produto industrial oferecido é exatamente o que ele precisa. Essa ideia, obviamente, não surge espontaneamente, mas sim porque o fizeram pensar assim, por meio de seus mecanismos. Nesse esquema, consegue-se manter toda a estrutura dominante capitalista, sustentando o poder e seus interessados.

Adorno, em sua crítica à indústria cultural, convida o homem a analisar esse sistema que, de forma arbitrária, é imposto a toda sociedade. Segundo o autor, somente desse modo as pessoas constituirão meios para saber lidar de forma libertária com esse mecanismo manipulador.

A importância dessa indústria na economia psíquica das massas não dispensa a reflexão sobre a sua legitimação objetiva, sobre seu ser em si, mas, ao contrário, a obriga, sobretudo, quando se trata de uma ciência supostamente pragmática, a levá-la criticamente a sério, e não se curvar diante do seu monopólio (Adorno, 1975, p. 290).

Desse modo, a indústria cultural se faz marcada, segundo Adorno, pelas tendências destrutivas das massas, essa característica determina todas as suas ações. Assassinar o caráter criativo humano é sua principal meta. A fim de que tudo se iguale e se faça dependente de seus caracteres, ela necessita controlar as ações individuais de cada ser humano e incutir nesse as necessidades que quiser. Com isso, ela passa a determinar e exercer seu poder de forma discreta, porém abrangente, sobre tudo e todos, em uma sociedade que opta pelo comodismo (Costa, 2013).

2.2 Concepção de Arte na Indústria Cultural

Interessada em provocar no indivíduo reações voltadas para o consumismo desenfreado, a indústria cultural e sua linguagem própria põem em prática seu projeto alienante. Adorno diz que “para legitimar o lixo que propositalmente produzem, necessitam os mesmos de algo que chamem para si as massas” (Adorno, 1985, p. 48), algo como a força de um ímã que atrai metais. Nessa lógica, ela descobre o fascínio do poder da arte.

Para constituir seu sistema, a indústria cultural junta elementos há muito correntes, atribuindo-lhes uma nova qualidade. Ela força a união de domínios, separados há milênios: a arte superior e a arte inferior. Com o prejuízo de ambas. “A arte superior se vê frustrada de sua seriedade pela especulação sobre o efeito; a inferior perde, através de sua domesticação civilizadora, o elemento de natureza resistente e rude, que lhe era inerente enquanto o controle social não era total” (Adorno, 1975, p. 28).

A emoção geradora da arte e o que essa transmite ao homem são de extrema profundidade. Ela o comove, o faz se expressar e arrebatá-lo ao infinito. Ao descobrir que a arte possui esse poder atrativo sobre as ações humanas e que, desde os primórdios, seu fascínio encanta diretamente o ser humano, a indústria cultural passa a utilizá-la como principal produto anestésico e manipulador social.

No divertimento de outrora, hoje administrados, integrados e qualitativamente desfigurados pela indústria cultural [...] nenhuma obra pode ser o que é, a fim de acomodar, de diminuir a sua distância em relação ao espectador. [...] Numa época de superprodução, o seu valor de uso da arte se torna também problemático e se submete finalmente ao deleite secundário do prestígio, da moda e do próprio caráter de mercadoria: paródia da aparência estética (Adorno, 2008, p. 28).

A indústria cultural toma a arte como posse e torna-a estranha a ela mesma, “a obra de arte desqualifica-se” (Adorno, 2008, p. 29), deturpa seu caráter de ação criativa humana, injetando no seu interior uma mecânica de manipulação e, com isso, faz a arte alienada, inclusive, de si mesma. Segundo Adorno, “na medida em que a arte corresponde a uma necessidade social manifesta, transformou-se em grande parte numa empresa governada pelo lucro, que persiste enquanto é rendível” (Adorno, 2008, p. 30).

Na indústria cultural, a arte se faz apenas como objeto de comércio, servindo meramente como mecanismo de entretenimento que fortalece o poder já existente na indústria, ditado pelas regras previamente estabelecidas. Com isso, ela se deixa constantemente manipular pelo poder capital. “Na indústria cultural tudo o que diz respeito à arte deixou de ser evidente, tanto em si mesma como na sua relação com o todo, e até mesmo o seu direito à existência” (Adorno, 2008, p.11).

Obstinados em controlar cada vez mais a sociedade e privá-la de sua total liberdade, a indústria cultural disfarça seus reais interesses. Tendo como posse a

espiritualização da arte, ela estimula a sociedade a aderir ao novo mecanismo proposto: a “arte de consumo”. Ou seja, a arte, em sua construção, é usada puramente como mercadoria, que o consumidor, ao levá-la para casa, a utiliza e, logo após, a descarta em um balde de lixo, ignorando, assim, o valor indubitável do caráter supremo e inesgotável da obra artística.

Para Adorno, a arte é “um protesto constitutivo contra a pretensão à totalidade do discursivo” (Adorno, 2008, p. 117). Ou seja, ela se faz magnânima no sentido de enaltecer a subjetividade implícita em cada ser humano. No entanto, segundo ele, “se, porém, a arte tolera imperturbavelmente os mecanismos da indústria cultural, se aceita ser cega como o encantamento, então rebaixa-se ao ato ilusório e à própria pretensão de verdade” (Adorno, 2008, p. 74). Assim, ao se submeter à mecânica da indústria do consumo, a arte perde seu potencial criativo e, ao ser manipulada, perde seu sentido.

A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio à transferência, muitas vezes, desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitiço das mercadorias. Quanto mais total ela se tornou, quanto mais impiedosamente forçou os *outsiders*, a declarar falência a entrar para o sindicato (Adorno, 1985, p. 126).

A autonomia artística dentro da indústria cultural foi aniquilada, e com ela, todos aqueles que faziam questão de se sentirem únicos. Dentro desse sistema, a arte, perdendo sua autonomia, se submete à barbárie imposta pelos que manipulam os regimentos sociais.

Em uma sociedade onde “a arte já não tem nenhum lugar e que está abalada em toda reação contra ela, ela cinde-se em propriedade cultural coisificada e entorpecida e em obtenção do prazer que o cliente recupere e que, na maior parte dos casos, pouco tem a ver com o objeto” (Adorno, 2008, p. 27).

A arte perdeu, em termos de verdade, aquela aparência objetiva de construção para a evolução, passando à mesmice do cotidiano. Além disso, em virtude de suas conjunturas sociais, veio a ser pressuposto de legitimação das ações capitalistas. No mundo capitalista, Adorno afirma que “A arte, a cultura e a distração se reduzem mediante a subordinação a fim de reconhecer a uma única fórmula falsa: a totalidade da indústria

cultural” (Adorno, 1985, p. 127). Ou seja, tudo e todos devem se submeter à indústria cultural, inclusive a arte.

Obstinada a atingir seus objetivos e entendendo que a arte possui condições suficientes para contribuir para alcançá-los, a indústria cultural se apossa das características artísticas e, com elas, elabora suas investidas no campo social. Com a ajuda dos mecanismos artísticos, firma-se socialmente e projeta seu mercado consumista.

As características da indústria cultural, somadas às habilidades do poder fascinante da arte, dão origem à concretização do esquematismo difusor do consumismo. Esse seria o cume, o ápice consolidado dos seus planos sobre as massas. Com o alcance dos objetivos, concretiza-se a perda das qualidades constitutivas da arte, fato que, obviamente, empobrece suas habilidades.

A indústria cultural desenvolveu-se com o predomínio que o efeito, a performance e o detalhe técnico alcançaram sobre a obra de arte; esta, que outrora era veículo de ideias, foi liquidada. “O efeito harmônico que havia na música, na cor da pintura, no romance ou mesmo na arquitetura tomou um fim a partir da totalidade da indústria cultural” (Adorno, 1985, p. 118).

A reflexão feita por Adorno sobre a obra artística associada à ideologia do poder do capital é a de que a arte instrumentalizada pela indústria cultural perde o poder de esclarecimento que ela possui e, com isso, deixa de fornecer ao ser humano a capacidade de emancipação. A indústria cultural, assim, viola a relação entre a arte e o homem, oprimindo ambos pela força de sua razão mecanizada. O resultado disso é o apogeu da realidade artificializada, na qual as massas sociais têm em mente apenas a conceitualização criada e dada a elas pela indústria.

A produção artística que surge dos mecanismos da indústria cultural, além de criar a realidade artificial, maquia as dinâmicas do mercado capitalista. Ela encobre das massas as dinâmicas adotadas para executar o plano de prender o ser humano a um mundo de valores meramente materiais e descartáveis. Isso solidifica o sistema capitalista e o expande em escala mundial.

2.3 Concepção de Arte em Adorno e Desconstrução do Conceito Artístico

A concepção de arte em Adorno é inteiramente voltada para o caráter criativo e transformador, considerado um mecanismo primordial na valorização do ser humano. É por esse fato que o autor fica indignado ao ver a situação a que a arte se submeteu no processo da indústria cultural.

Em Adorno, o conceito de arte está sempre associado ao aspecto social. O caráter sociológico da arte é marcado pela sua função de superação de um estado de situação vivida para outro, geralmente melhor do que o anterior. Daí a importância da existência da arte sem manipulação, o que constitui a crítica de Adorno quanto à defesa da arte pura, sem influência, principalmente do campo capitalista.

Na visão do autor, a arte se faz concreta na subjetividade e se difunde amplamente no meio social. Essa é uma manifestação indicativa do reconhecimento público da obra e, conseqüentemente, do artista. No entanto, considerando as condições impostas pelo sistema da indústria cultural, esse processo esbarra no descompromisso de passar para os outros uma arte legítima.

Ao descobrir a arte como um fascínio no comportamento humano e se apoderar dela, a indústria cultural definitivamente banaliza o conceito artístico, desconstruindo, assim, seu caráter de reflexão, investigação e contribuição social. Nesse sentido, a arte para de exercer socialmente seu papel de “logos” instrumental no desenvolvimento subjetivo humano, deixando de ter ligação direta com o indivíduo. Dessa forma, ela perde a capacidade de transformar a sociedade e de contribuir para que o esclarecimento permita ao ser humano ter a capacidade de ser totalmente emancipado (Habowski *et al.*, 2018).

Esse fator se torna crucial na análise crítica adorniana sobre a desconstrução que a indústria cultural faz da essência da arte. Enquanto o processo da arte no meio social se faz, principalmente, através da subjetividade criativa de cada indivíduo, na indústria cultural essa função é apropriada, não deixando que a arte se desenvolva de forma natural.

Assim, o indivíduo perde seu poder artístico criador. Com isso, a arte, na indústria cultural, se descaracteriza e se desconstrói.

A realidade tecnológica em desenvolvimento mina não apenas as formas tradicionais, mas as próprias bases da estrutura artística — ou seja, tende a invadir não apenas certos estilos, mas também, a própria essência da arte. Uma tendência para a sociedade unidimensional. No domínio da cultura, esse novo totalitarismo se manifesta precisamente em um pluralismo harmonizador, no qual as obras e as verdades mais contraditórias coexistem, pacificamente, mas com indiferença. “As imagens e os clássicos artísticos são incorporados a uma sociedade e tornam-se, assim, anúncios, vedem, reconfortam, excitam, alienam-se da própria dimensão da verdade” (Read, 1983, p. 33).

Com o processo estabelecido pela indústria cultural, sua mecânica de funcionamento e seus objetivos, a arte perde de sua essência fatores cruciais que a constituem. Aspectos como suscitar o campo mágico da criatividade, valorizar a autonomia, trazer liberdade, movimento e emancipação deixam de existir e assim a arte, na indústria cultural, torna-se passiva e mecânica.

Com efeito, a liberdade absoluta na arte, que é sempre a liberdade em um domínio particular, entra em contradição com o estado perene de não liberdade no todo. O lugar da arte tornou-se incerto. A autonomia que ela adquiriu, após se ter desembaraçado da função cultuai e de seus duplicativos, vivia da ideia de humanidade. Porém, essa foi abalada, a medida em que a sociedade se torna menos humana (Adorno, 2008, p. 11).

Adorno diz que, “na época atual, a fatalidade de toda e qualquer arte é ser contaminada pela inverdade da totalidade dominadora” (Adorno, 2008, p. 72). Assim, ela é trabalhada de forma que sua função se faça exatamente como a indústria cultural quer, ou seja, a arte se submete ao sistema ditado.

A obra de arte se desqualifica. Os polos de sua *Entkunstung*, que se traduz como “desartificação”, são os seguintes: por um lado, ela se torna uma coisa entre as coisas; por outro, faz-se dela o veículo da psicologia do espectador. “O espectador substitui o que as obras de artes retificadas já não dizem pelo eco estandardizado de si mesmo que percebe a partir delas. A indústria cultural põe em andamento este mecanismo e explora-o” (Adorno, 2008, p. 29).

Enquanto, no indivíduo, a arte se manifesta amplamente, na indústria cultural, ela se faz mecânica, possui limites e não se abre além daquilo que lhe é oferecido. Assim, a arte perde seu prestígio e só é valorizada conforme os valores do mercado e do sistema de constrangimentos sociais que agem por trás da retórica da democracia, difundindo uma imagem ilusória de direitos iguais.

A arte, que durante séculos viveu da busca do “efeito”, isto é, de provocar reações com suas construções, foi abolida com a chegada da indústria cultural, não mais se responsabilizando de exercer tal função. Agora, a indústria cultural é a encarregada de insuflar esse efeito em seus produtos, dando base e essência, transformando a arte em apenas mais um objeto do processo.

Com o controle da arte pela indústria cultural, o resultado não poderia ser outro senão a total dependência e desconstrução do conceito artístico, que se afasta da lógica social, cega-se e se torna o engano das massas. Adorno utiliza o termo alemão *Entkunstung* para denunciar a desconstrução do potencial da arte em meio à emaranhada estrutura do consumo desenfreado à qual a indústria cultural submeteu a sociedade. Contaminada pela inverdade, a arte perde seu potencial e nega a força expressiva que contém em sua essência.

No sentido mais abrangente, o programa da indústria cultural, que resplandece sob o signo do triunfo do poder capitalista, possui pretensão de assumir a função patriarcal, tendo em si total controle sobre a sociedade, resultando na dessensibilização humana. A técnica, a essência, o saber, os conceitos de imagem, ou seja, todos os mecanismos associados à ação humana, tudo se desconstrói, e a arte, como parte do processo, também se perde diante desse sistema, favorecendo um clima de cultura que culmina na reincidência do mundo bárbaro.

3 Metodologia

Metodologicamente, analisamos como a indústria cultural e seus princípios podem influenciar a alienação em massa do indivíduo, tendo como base os conceitos trazidos por Adorno em suas obras. Através de uma abordagem qualitativa, averiguamos a forma que

alguns autores trazem suas contribuições, tendo como pressuposto a Arte. O artigo tem sua coleta de dados feita através de diversas bases bibliográficas, consultadas de forma assistemática, incluindo artigos indexados em periódicos e livros. A escolha dos artigos utilizados como base para essa pesquisa, ocorre através de busca em bases que contêm trabalhos como as palavras-chave: “Indústria Cultural”, “Arte”, e “Uso da Arte”, principalmente, tendo como escopo o período de obras atuais — últimos cinco anos — e obras clássicas em relação à temática trabalhada.

Segundo Botelho *et al.*, (2011), a revisão bibliográfica ou de literatura é utilizada para descrever o estado da arte de um determinado tema ou assunto, possibilitando a atualização do conhecimento, tendo em vista aquele determinado período em que foi empregada. Nesse contexto, utilizamos a revisão bibliográfica para compreender e aprofundar os conhecimentos no que tange à indústria cultural, principalmente, através da ótica do uso da Arte. Com isso, quanto aos fins, esta pesquisa é definida como exploratória, pois, apesar de existirem outras obras que trabalham trazendo analogias entre o uso da arte e a indústria cultural, esta pretende trazer uma nova ótica ainda não explorada em relação a esse assunto.

4 Resultados e Discussão

4.1 Resultado da Massificação e Alienação Social e Consequências do Uso da Arte

Com a perda das funções primordiais de força criativa humana e tornando-se principal matéria-prima, a arte passa a ser utilizada como mecanismo indispensável no processo de massificação, que, por sua vez, leva a sociedade a um comportamento alienado.

Atualmente, as obras de arte, como palavras de ordem política, são oportunamente adaptadas pela indústria cultural, oferecidas a preços reduzidos a um público, e seu uso torna-se acessível a todos, como o uso dos parques. “A dissolução do seu caráter contribui, nas condições sociais atuais, à própria ruína da cultura e ao progresso da bárbara inconsistência” (Adorno, 2009, p. 38).

A arte perdeu a condição de se desenvolver por si mesma e, com isso, acabou a produção crítica e racional humana. A sociedade já não tem a capacidade de pensar e administrar sua própria linha de senso crítico.

A arte sem sonho, produzida para o povo, realiza o idealismo sonhador que, no idealismo crítico, parecia exagerado. Tudo parte do sentido da consciência, e, na arte para as massas, a consciência vem de uma diretoria de produção (Adorno, 2009, p. 08).

Com o uso da arte pela indústria cultural, a disposição que esta possuía de gerar capacidade criadora na ação humana se perde; a arte deixa de ser uma fonte de inspiração criativa e se torna apenas mais um meio de entretenimento e manipulação, contribuindo para a conformidade e passividade dos indivíduos na sociedade. Quando essa capacidade deixa de existir no indivíduo, ele se acomoda e aceita o que lhe é dado como pronto. Com isso, nasce a atrofia da sensibilidade, e o ser humano condiciona seus sentidos aos mecanismos estruturadores da indústria cultural. Enquanto poucos se vangloriam saboreando os lucros adquiridos pela execução do projeto alienante, a massa social se encontra mergulhada na farsa do sadismo oferecido pela arte e seus derivados no desenvolvimento da indústria cultural.

Portanto, através da indústria cultural, o ser humano transformou-se em uma marionete. Esse processo se deu em um ambiente onde a técnica conquistou bastante influência sobre a sociedade, expressando o poder dos economicamente mais fortes. “A principal arma da indústria cultural é a padronização, a destruição progressiva da criatividade e a imposição universal de determinados produtos culturais e artísticos com vista a eliminar qualquer manifestação da diferença” (Santos, 2009, p. 2).

A conquista adquirida pelo sistema da indústria cultural, que é o total convencimento social de que necessitam do que lhes é oferecido, leva a sociedade ao grau máximo de declínio já pensado para um ser racional. Em nome de um consumismo inconsequente, a indústria cultural banaliza a condição social e tudo o que for derivado dela.

Uma das piores perdas oriundas da ação executada pela promoção dos bens artísticos da indústria cultural é a descaracterização da ação de humanização que cada

ser possui. O indivíduo social deixa de ser o que está em sua essência, deixa de ser humano. Torna-se um boneco, deixa de ter ações próprias, assim, todos os seus movimentos passam a pertencer ao sistema manipulador arbitrário. A perda da capacidade de ser um indivíduo singular e sublime deixa o homem passivo diante das situações e o torna, na maioria das vezes, um mero objeto. Fato que, segundo Adorno, empobrece a figura humana.

4.2 Do Domínio da Consciência ao Estado de Barbárie

Intencionalmente, apossando-se da arte, a indústria cultural transforma todos os caracteres artísticos em uma formação cultural que, conforme Adorno, “se converte em uma *Halbbildung* socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede” (Adorno, 1996, p. 389), ou seja, dentro do processo da indústria cultural, existe uma arte que assume o papel de semiformação, que tem como função intermediar o caminho entre a cultura e o produto a ser consumido, para que essa associação possa gerar resultados. Para Adorno, encontra-se, nesse momento, o perigo do uso artístico de forma indevida, pois o uso dela como semiformação “passa a ser forma dominante da consciência atual” (Adorno, 1996, p. 388), destituindo, dessa forma, a condição de liberdade e autonomia do ser humano.

O domínio da consciência, provocado pela integração dos mecanismos artísticos à realidade capitalista, leva a sociedade a uma problemática que até então ela parecia estar se libertando. No livro **A escola de Frankfurt**, Rolf Wiggershaus subscreve uma das diversas cartas escritas por Adorno, onde diz ele:

Parece-me que, em nossa época, os homens sofrem mudanças demasiado profundas para serem captadas apenas pela psicologia. Tudo se passa como se a substância própria do homem tivesse mudado com os fundamentos de nossa sociedade... A emancipação religiosa das classes médias, apesar de toda sua aparência “progressista”, revela-se atualmente, como uma força de desumanização, por mais que ela goste (ou tenha gostado) de se disfarçar em humanismo. Estamos assistindo a uma mudança que transforma os homens em simples centros passivos de reação, em sujeitos de “reflexos condicionados” porque não tem mais centros de espontaneidade, não tem mais medida obrigatória de comportamento, nada que transcenda o mais imediato de seus desejos, necessidades e aspirações. E o que se passa atualmente só pode ser compreendido corretamente ao ser colocado contra o pano de fundo do conjunto do desenvolvimento que reduziu e truncou o homem até fazer dele o que ele parece ser atualmente (Wiggershaus, 2002, p. 303).

O fim de uma sociedade independente dos mecanismos religiosos e indicadores medievais, que até meados do século XIX marcaram a realidade, indicou um novo rumo social. Fato que, inclusive, designou a própria liberdade das funções artísticas que se encontravam sob o julgo ideológico da moralidade, do culto religioso e da cultura geral que formavam a sociedade. A arte, no entanto, ao sair dos condicionantes medievos, cedeu ao processo indicativo da nova sociedade: tornando-se o item formativo supremo de uma sociedade de aparências.

Todo o clima de cultura produzido pela indústria cultural leva a uma situação na qual as pessoas pensam poder afirmar que são racionais e livres numa sociedade também racional e livre. Para Adorno, isso é chamado semiformação: “é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria, que leva à adaptação e ao conformismo, subjugando a dimensão emancipatória” (Adorno, 1996, p. 400).

O declínio das potencialidades humanas na sociedade pré-estabelecida leva, por sua vez, ao grande êxito do projeto desenvolvido pelos economicamente mais fortes. Assim, o desenvolvimento do sistema da indústria cultural exerce sobre o homem fortes influências. Adorno critica fortemente esse esquema, pois o objetivo desse processo é o controle da consciência, o que culmina em um estado de barbárie da autonomia do indivíduo.

Com isso, Adorno critica a constituição da cultura de massa organizada pelo sistema industrial. Para ele, o estado de barbárie atingido pela sociedade atual é a conclusão que se chega de uma população que se deixou alienar pelos mecanismos regidos pelo sistema da indústria cultural. A volta da barbárie acarreta o menosprezo pelo progresso que o homem atingiu ao longo de sua história. Teixeira Coelho diz que, “o estado avançado de ‘barbárie cultural’ é capaz de produzir ou acelerar a degradação do homem — essa função seria a alienação” (Coelho, 1993, p. 14). Um processo que extermina a cultura da liberdade que cada ser possui e celebra, gloriosamente, o êxito do sistema da indústria cultural.

4.3 A Perda da Autonomia Humana

A semiformação, articulada pelo processo, acaba causando uma socialização forçada, na qual cada indivíduo se sente parte daquilo que lhe é apresentado, de forma que a consciência de subjetividade deixa de existir. A necessidade de pertencer ao grupo fala mais alto. Adorno diz que, “A indústria cultural em sua dimensão mais ampla, leva todos a rirem juntos, a iludirem-se de terem conseguido uma identificação” (Adorno, 1996, p. 395). Sob a hegemonia do sistema ditado pela indústria cultural, o ser humano inicia a perda das características sublimes que o constituem, no caso, a própria hegemonia da consciência, que o torna autônomo.

A crescente diferença entre poder e impotência social nega aos impotentes os pressupostos reais para a autonomia que o conceito de formação cultural ideologicamente conserva. O véu da integração, principalmente nas categorias de consumo, é fortemente estabelecido como porta-voz dos ideais (Adorno, 1996, p. 394).

A condição de ser autônomo é altamente defendida por Adorno. Para ele, a submissão dessa qualidade, inerente a cada indivíduo, leva o ser humano ao declínio das características de supremacia perante às demais coisas existentes. Um rebaixamento que acarreta a volta à cultura de barbárie.

A destituição de humanização e a utilização da arte como meio de manipulação social levam a uma análise muito bem debatida no livro **Dialética do Esclarecimento**, onde Adorno e Horkheimer indicam que a indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente. Nessa linha de raciocínio, Adorno firma sua teoria na constituição da necessidade de um pensamento próprio e individual, que cada ser deve possuir.

A autonomia de cada ser é o que permite ao indivíduo questionar e se libertar do sistema. Para Adorno, “só o eu autônomo pode virar-se criticamente para si e eliminar o seu embaraço ilusório” (Adorno, 2008, p. 137). Ou seja, somente a autonomia do indivíduo possibilita ao indivíduo ser autêntico e possuir vontade própria. Nesse caso, Adorno, inclusive, ressalta a capacidade da arte de oportunizar isso ao homem. Para ele, o ser autônomo se constitui na manifestação artística.

A cultura da autonomia artística é tida, por Adorno, como o despertar para a valorização do subjetivo e a conscientização da construção do conjunto social, partindo do ser criativo que cada um possui. Nesse caso, a arte, na manifestação autônoma, desperta para um ser de consciência, aquele que, por ela adquiriria conhecimento e, por meio desse, construiria seu ambiente.

Opondo-se a tendência da cultura de reproduzir e fazer escutar sempre o mesmo, a arte autônoma, como forma de vida, segundo o pensamento de Adorno, desempenha um papel totalmente diferente na sociedade: “ela faria parte do conhecimento, seria então mais bem apreciada e conduziria em seu caráter aberto a experiência mais concreta e desenvolvida” (Kogler, 2009, p. 85).

No entanto, a arte autônoma é abafada pela organização sistemática da indústria cultural. O ser de constituição subjetiva, com potencialidades de manifestar sua autonomia, deixa de existir. Suprimidos de suas potencialidades, os indivíduos colocam de lado sua essência e se tornam figurantes da sociedade de aparências do sistema capitalista.

Os bens culturais que alimentam as massas tornam dominante o momento de adaptação, enquadrando-se numa sociedade adaptada e rompendo com a memória do que seria autônomo. Com isso, os que são vulneráveis ao sistema perdem a capacidade de se relacionar com o outro, com algo efetivamente exterior, permanecendo, apenas a capacidade de se referir à representação que eles próprios fazem desse outro externo (Adorno, 1985, p. 25).

Com o fim da capacidade de manifestação que cada ser possui, surge também um novo entendimento sobre o meio em que se vive. A grande problemática gerada pela perda do poder autônomo no ser humano é, justamente, a constituição de uma sociedade de aparências.

A experiência formativa, caracterizada pela difícil mediação entre o condicionamento social, o momento de adaptação, o sentido autônomo da subjetividade e o momento de resistência, rompe com o simbolismo da dominação do coletivo objetivado sobre o individual e do abstrato formal sobre o concreto empírico. “A perda da capacidade de fazer experiências formativas não é um problema acidentalmente imposto de fora às

peçoas, e nem é provocado por intenções subjetivas, mas, corresponde a uma tendência objetiva da sociedade e ao modo como essa se produz e reproduz” (Adorno, 1985, p. 26).

A perda da capacidade de autonomia, tão sublime no homem, deixa-o passivo diante das situações e, na maioria das vezes, o torna um mero objeto. Fato que, por sua vez, segundo Adorno, empobrece a figura humana, levando-a à alienação e fazendo com que a sociedade se represente na reprodução dada, isolando-se e esquecendo-se de sua realidade massificada.

Na indústria cultural, quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica, que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria, é fácil convencê-lo de sua insuficiência. Enquanto agora, na produção material, o mecanismo da demanda e da oferta está em vias de dissolução, na superestrutura ele opera como controle em proveito dos patrões. Os consumidores são os operários, os empregados, os fazendeiros e os pequenos burgueses. A totalidade das instituições existentes os aprisiona de corpo e alma a ponto de sucumbirem sem resistência a tudo o que lhes é oferecido. Assim, as massas enganadas de hoje são mais submissas ao mito do sucesso do que os próprios afortunados, que têm o que querem e exigem obstinadamente a ideologia que lhes serve (Adorno, 2002, p. 16).

O controle sistemático, que parte da ideia da necessidade consumista, cria no ser humano uma submissão ao poder capital. A ênfase ao trabalho autônomo e sua essência sociopolítica tornam-se ameaçadas e, na maioria das vezes, sufocadas, fazendo com que o homem suporte caladamente o que é interdito pelas forças supressoras sociais. Segundo Adorno, “Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista” (Adorno, 1985, p. 125).

4.4 Massificação e Alienação o Ápice da Indústria Cultural

A deturpação do caráter artístico ocasiona uma grande problemática gerada pelo sistema da indústria cultural. A arte, que em sua essência surge no meio humano com a intenção de força suprema do ser criativo, agora passa a pertencer aos mecanismos de massificação alienante social. O “efeito” provocado pela arte ocorre como objetivação

apenas de “autoajuda”, indicando, assim, ao homem o que ele deve ou não fazer. Deixa-o limitado e, ao mesmo tempo, transforma-o em um escravo de algo criado por ele mesmo. Em seu pensamento, Theodor Adorno critica justamente essa condição à qual tanto a arte quanto o ser humano se submeteram.

Ao reduzir a obra de arte a um simples fato, vende-se também o momento mimético de sua essência, até atingir uma administração total. Nesse contexto, o consumidor se projeta na vontade presente na arte: lê, ouve e contempla até esquecer-se. Suas emoções, então, tornam-se indiferentes e desaparecem (Adorno, 2008. p. 29).

Com isso, a crítica adorniana foca na questão do grande ápice do projeto articulado pela engenhosa maquinaria do capitalismo. O homem se sujeita ao fascínio oferecido pela indústria cultural e adere plenamente à proposta de “igualdade” de desejos e vontades, como se cada indivíduo não fosse ele mesmo, mas um grupo, uma massa. Teixeira Coelho diz que “A cultura de massa aliena, forçando o indivíduo a perder ou a não formar uma imagem de si mesmo diante da sociedade” (Coelho, 1993, p. 12). É a perda do poder sublime de se afirmar socialmente. A manipulação do regime ao qual o ser humano é forçado a aderir o constitui como um objeto de enriquecimento, fortalecedor do sistema, deixando-o impossibilitado de manifestar sua criatividade subjetiva humana.

A alienação do homem deve ser entendida como um processo em que o indivíduo é levado a não refletir sobre si mesmo e sobre a totalidade do meio social circundante, transformando-se, com isso, em um mero juguete e simples produto alimentador do sistema que o envolve (Coelho, 1993, p. 14)

Nesse caso, o processo de massificação que leva à alienação humana causa, de forma devastadora, o rompimento com a condição de criticidade que o ser humano possui, resultando em uma docilidade absoluta em relação a uma humanidade metamorfoseada em clientela pelos fornecedores. Em nome dos consumidores, aqueles que dispõem sobre a cultura reprimem tudo o que poderia fazer com que ela escapasse à imanência total da sociedade vigente, permitindo apenas o que serve inequivocamente aos seus propósitos (Adorno, 2002, p. 52).

Para Adorno, esse mecanismo produzido pela indústria cultural prejudica a capacidade produtiva, a condição de liberdade e o potencial evolutivo que o indivíduo naturalmente tem em si. Isso gera uma problemática que se inicia na individualidade de

cada um e culmina na perda de características que levam um grupo de pessoas a se constituírem como sociedade.

A abolição do privilégio cultural por meio da liquidação e venda a baixo preço não introduz as massas nos domínios antes fechados para elas, mas, contribui, nas condições sociais atuais, para a própria ruína da cultura e para o progresso da bárbara inconsistência (Adorno, 2002, p. 38).

22

O declínio e a aceitação passiva da proposta do sistema consumista quebram a capacidade de percepção que, por sua vez, levaria o indivíduo à transformação. Adorno diz que, “na arte de massas, a da terrena diretoria de produção, os pormenores tornaram-se fungíveis” (Adorno, 2002, p. 09), ou seja, não se consegue perceber a objetivação, a intenção que se tem com tal indução. Nesse caso, Alex Thomson diz que “a arte se faz sem reflexão, tornando-se fantasia e negando a humanidade plena de um povo” (Thomson, 2010, p. 92).

As pessoas que se assumem mais ou menos livremente são colocadas numa espécie de permanente estado de exceção de comando. “O único poder efetivo seria a autonomia, o poder para a reflexão, a autodeterminação e a não participação” (Adorno, 1985, p. 124).

Desse modo, conformar-se com o sistema dado é de suma importância. Reconhecer de forma esclarecedora que a submissão a ele apenas degrada o potencial que cada ser possui leva o indivíduo à transformação e à quebra do sistema. Segundo Zuin “faz-se necessário compreender que esse tipo de psique apenas força a participar ativamente na construção de sua própria miséria” (Zuin, 2001, p. 4). Essa é a opção de tentativa que Adorno e Horkheimer defendem na construção de uma sociedade esclarecida, “o esclarecimento é a saída dos homens de sua auto inculpável minoridade” (Adorno, 1985, p. 168).

5 Considerações Finais

A contribuição de Adorno torna-se de grande valia no processo de compreensão e desmistificação da sociedade. A atualidade do pensamento adorniano fornece dados

que, por sua vez, exprimem uma realidade que parece nunca ter tido fim na história da humanidade: a manipulação social.

Para Adorno, a arte, como manifestação criativa de cada ser, jamais deve se rebaixar a mecanismos que a impeçam de expressar sua essência. A arte é soberana e nasce da ação autônoma de cada indivíduo. Essa condição é primordial para a harmonia do ser subjetivo e sua posição no contexto coletivo social. Centrado na posição de que cada ser é único, ele defende a tese de que a livre manifestação deve ser primordial. A arte, como manifestação criativa de cada pessoa, não pode sofrer influências alienantes, de forma que a autonomia na manifestação seja deturpada.

Ao analisar a realidade americana, Adorno não deixou de se posicionar de forma crítica e de denunciar a grande maquinaria de desconstrução da liberdade e da autonomia que o homem possui. A ação que cada indivíduo tem e sua livre composição artística é importante. A destituição do potencial individual artístico imposto pela indústria cultural quebra essa harmonia existente entre homem e arte. Para que todos percebam a importância de uma criação que expresse seus próprios desejos, essa situação deve ser denunciada.

As estruturas criadas e trabalhadas pela indústria cultural vêm realmente marcadas por uma organização destinada a verdadeiramente executar com afinco seu objetivo sobre as massas. Uma tarefa que, com o auxílio dos mecanismos artísticos, marca a sociedade de forma que ela não tem alternativa a não ser aceitar o que lhe é imposto. Escapar das bases desse sistema parece cada vez mais impossível, tendo em vista a articulação e o poder concentrado nas mãos daqueles que o administram.

O progresso alienado, difundido pelo sistema capitalista, apenas marca a regressão de anos de história do ser humano, que conquistou seu espaço na natureza por meio da criatividade. Perder essa condição indica regressão, decadência: um retorno à barbárie. Adorno afirma que a indústria cultural “destruiu a produtividade, a capacidade criativa, levando o indivíduo ao supérfluo, e com isso fez o mesmo perder sua alegria interior” (Adorno, 1995, p. 67) Essa condição a qual o homem se submeteu acarretou uma série de dificuldades, culminando na perda de sua própria essência.

Nesse sentido, a reflexão de Adorno sobre o uso da arte na indústria cultural tem como objetivo entender melhor os traços difundidos pelo sistema capitalista, especialmente no que diz respeito à promoção dos bens de consumo. Uma ação de conscientização sobre os mecanismos executados por esse sistema alienante social, articulada via indústria cultural, deve ser amplamente difundida, a fim de que as pessoas possam ter condição de escolher por si mesmas, tornando-se seres autônomos. Quebrar essa estrutura de banalização da cultura e da arte, na qual a sociedade se encontra imersa, deve ser uma prioridade para todos, a fim de que o conjunto social retome sua crítica reflexiva e assuma sua própria identidade.

Referências

ADORNO, T. W. **Conferência Radiofônica, A indústria cultural**. Ed. orig.: *Ohne Leitbild – Parva Aesthetica*. “Résumé über Kulturindustrie”. Editora Suhrkamp, Frankfurt, 1967. Trad. Amélia Cohn. Org. Gabriel Cohn. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo, Editora Nacional, 1975.

ADORNO, T. W. **Crítica cultural e sociedade**. Trad. Maria Helena Ruschel, Petrópolis, Editora Vozes, 1995.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1985.

ADORNO, T. W. **Indústria Cultural e sociedade**. Trad. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2002.

ADORNO, T. W. **Teoria da Semicultura, 1972-80**. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu, Paula Ramos de Oliveira. Revista Educação e Sociedade, Campinas – SP, CEDES, n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, pág. 388-411.

ADORNO, T. W. **Teoria Estética**. Trad. Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 2008.

ADORNO, T. W. **In search of Wagner**. Verso Books, 2009.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1985.

AGUIAR, W. F. Adorno e a dimensão social da arte. **Maringá: Revista Urutúgua– revista acadêmica multidisciplinar (DCS/UEM)**, n. 15, 2018.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C.; MACEDO, M. **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. *Gestão e sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

BRUNELLI, P. B.; AMARAL, S. C. S.; SILVA, P. A. I. F. Autoestima alimentada por “likes”: uma análise sobre a influência da indústria cultural na busca pela beleza e o protagonismo da imagem nas redes sociais. **Revista Philologus**, v. 25, n. 53, p. 226-236, 2019.

CAMARGO, S. A indústria cultural e suas vicissitudes: entre o conceito e a realidade. **Veritas (Porto Alegre)**, v. 63, n. 2, p. 691-710, 5 out. 2018.

COELHO, T. **O que é indústria cultural**. Coleção Primeiros Passos, volume 8. São Paulo, Editora Brasiliense, 1993.

COSTA, J. H. A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia**, v. 36, n. 2, p. 135–154, 2013.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E.; BRANCO, L. S. A. A violência institucionalizada pela indústria cultural: debates educativos. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 481–498, 2018.

KOGLER, S. Música, linguagem e a autonomia da arte. **Artefilosofia**, v. 4, n. 7, p. 73-85, 2009.

LIMA, F. E. M. Indústria Cultural. **Revista Docentes**, v. 4, n. 10, 2019.

READ, H. **Arte e alienação o papel do artista na sociedade**. Trad. Waltesin Dutra; Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1983.

RECHE, Bruna Donato. Cinema em Walter Benjamin e Theodor Adorno. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, n. 229, p. 43-53, 2021.

SANTOS, B. C. Arte como processo cultural. Por uma ampliação do humano. **Redes. com: revista de estudios para el desarrollo social de la Comunicación**, n. 5, p. 341-368, 2009.

SANTOS, T. D. Theodor Adorno: uma crítica à indústria cultural. **TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência**, v. 7, n. 2, 2014.

THOMSON, A. **Comprender Adorno**. Petrópolis: Vozes, 2010.

WIGGERSHAUS, R. **A Escola de Frankfurt**: história, desenvolvimento teórico, significação política. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel; Ed. DIFEL, Rio de Janeiro, 2002.

ZUIN, A. A. S.; OLIVEIRA, B. R. **Adorno**: o poder educativo do pensamento crítico. 3ª Edição, Editora Vozes, Petrópolis, 2001.

ⁱ **Diego de Oliveira da Cunha**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0738-046X>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Doutor e Mestre em Administração (Unigranrio), Especialista em Informática na Educação (IFMA), Tecnólogo em Processos Gerenciais (UCB) e bacharel em Administração (UniFatecie). Professor do IFRJ e UFRRJ.

Contribuição de autoria: análise dos dados, escrita, revisão e orientação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1879513446052971>

E-mail: diegooliveirac@ufrj.br

ⁱⁱ **Ely Severiano Júnior**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5930-8251>

Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ

Doutorando e Mestre em Administração (Unigranrio/Afya), Especialização em Gestão e Governança de TI (Senac/SP) e graduado em Sistema de Informação pela Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETERJ). Professor do IFRJ.

Contribuição de autoria: análise dos dados, escrita, revisão e orientação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8079002574341271>.

E-mail: ely.severiano@ifrj.edu.br

ⁱⁱⁱ **Davi José de Souza da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7625-191X>

Universidade do Grande Rio, UNIGRANRIO | Afya

Doutorado em Filosofia (UFSC), Mestre em Direito (UFPA) e bacharel em Direito (Unama). Pró-Reitor de Pós-graduação e Pesquisa e Professor do PPGA da Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO

Contribuição de autoria: revisão e orientação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5114374665706148>.

E-mail: davi.silva@unigranrio.com.br

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Cláudia Maria Ribeiro, Paulo Jorge Morais Alexandre e Ana Elisa Spaolonzi Queiroz Assis

Como citar este artigo (ABNT):

CUNHA, Diego de Oliveira da.; SEVERIANO JÚNIOR, Ely.; SILVA, Davi José de Souza da. O uso da Arte na indústria cultural à luz de Adorno. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e13074, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/13074>



Recebido em 09 de maio de 2024.
Aceito em 04 de junho de 2024.
Publicado em 17 de setembro de 2024.

